

Doi: 10.17058/rzm.v14i01.19506

# JORNALISMO COMO FORMA SOCIAL DE CONHECIMENTO: DIÁLOGOS ENTRE A PRÁTICA JORNALÍSTICA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

JOURNALISM AS A SOCIAL FORM OF KNOWLEDGE: DIALOGUES BETWEEN JOURNALISTIC PRACTICE AND PEDAGOGICAL PRACTICE

EL PERIODISMO COMO FORMA SOCIAL DE CONOCIMIENTO: DIÁLOGOS ENTRE LA PRÁCTICA PERIODÍSTICA Y LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA.



**Carlos Roberto Praxedes dos Santos<sup>1</sup>**

**Camila Maurer<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo objetiva propor um diálogo entre a prática jornalística, produtora e socializadora de uma forma específica de conhecimento, e a prática pedagógica conforme entendida pelo educador e filósofo Paulo Freire. Trata-se de uma reflexão teórica exploratória conduzida a partir de pesquisa bibliográfica e guiada pela pergunta: a práxis pedagógica freireana pode fornecer elementos para uma práxis jornalística emancipatória? O trabalho recupera as principais abordagens do jornalismo enquanto forma social de conhecimento (Genro Filho, 1989; Meditsch, 1997) e reflete sobre a pertinência dos saberes da pedagogia freireana para uma prática jornalística guiada por ideais emancipatórios. Identificam-se pontos

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

de aproximação entre as perspectivas, a partir de abordagens diversas, que indicam a possibilidade de um diálogo promissor entre a prática jornalística e a prática pedagógica.

**Palavras-chave:** forma social de conhecimento; pedagogia freireana; práxis jornalística; práxis pedagógica; jornalismo emancipatório.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo proponer un diálogo entre la práctica periodística—productora y socializadora de una forma específica de conocimiento—y la práctica pedagógica según la entiende el educador y filósofo Paulo Freire. Se trata de una reflexión teórica exploratoria basada en investigación bibliográfica y orientada por la pregunta: ¿puede la praxis pedagógica freireana ofrecer elementos para una praxis periodística emancipadora? El trabajo recupera los principales enfoques del periodismo como forma social de conocimiento (Genro Filho, 1989; Meditsch, 1997) y reflexiona sobre la pertinencia de los saberes de la pedagogía freireana para una práctica periodística guiada por ideales emancipadores. Se identifican puntos de aproximación entre ambas perspectivas, desde distintos enfoques, lo que sugiere la posibilidad de un diálogo prometedor entre la práctica periodística y la práctica pedagógica.

**Palabras clave:** forma social de conocimiento; pedagogía freireana; praxis periodística; praxis pedagógica; periodismo emancipador.

**Abstract:** This article aims to propose a dialogue between journalistic practice—which produces and disseminates a specific form of knowledge—and pedagogical practice as understood by the educator and philosopher Paulo Freire. It is an exploratory theoretical reflection based on bibliographic research and guided by the question: can Freirean pedagogical praxis offer elements for an emancipatory journalistic praxis? The study revisits key approaches to journalism as a social form of knowledge (Genro Filho, 1989; Meditsch, 1997) and reflects on the relevance of Freirean pedagogical principles for a journalistic practice guided by emancipatory ideals. Points of convergence between the two perspectives are identified, through different approaches, suggesting the possibility of a promising dialogue between journalistic and pedagogical practices.

**Key-words:** social form of knowledge; Freirean pedagogy; journalistic praxis; pedagogical praxis; emancipatory journalism.

## **Introdução**

A compreensão do jornalismo enquanto forma social de conhecimento cristalizado na singularidade dos fenômenos sociais (Genro Filho, 1989) implica uma necessária reflexão acerca do papel do jornalista no processo de produção e articulação desse conhecimento. Nesse cenário, há que se considerar que tal prática profissional se sustenta sobre um conjunto de consensos compartilhados no interior de uma dada comunidade, influenciado por fatores internos e externos e que, apesar de durável, sofre alterações ao longo do tempo em decorrência de mudanças estruturais (Charron; Bonville, 2016).

O reconhecimento da existência desses consensos, que não apenas guiam a prática, mas condicionam o pertencimento à comunidade profissional e são frequentemente tidos como autoevidentes, deve impulsionar jornalistas e pesquisadores a refletir sobre as práticas através das quais o conhecimento jornalístico é articulado e oferecido à sociedade. Nesse sentido, julga-se relevante considerar que informar, assim como ensinar, não consiste em mera transmissão de conhecimento, mas em um processo que envolve a reconstrução ativa desse saber por parte do sujeito conhecedor, como ressalta Meditsch (1997).

É nesse sentido que se propõe, aqui, um diálogo entre a prática jornalística, produtora e socializadora de uma forma específica de conhecimento, e a prática pedagógica, conforme entendida pelo educador e filósofo Paulo Freire. Para isso, artigo estrutura-se em três movimentos: no primeiro, recuperam-se as principais abordagens teóricas que apontam para a compreensão do jornalismo enquanto forma de conhecimento; no segundo, reflete-se sobre sistematizações e apropriações do pensamento de Paulo Freire aplicado ao jornalismo e à mídia; e, por fim, propõe-se o diálogo entre a pedagogia de Freire e a teoria do jornalismo de Adelmo Genro Filho.

## **Perspectivas do jornalismo como conhecimento**

A reflexão em torno do jornalismo como forma de conhecimento exige o reconhecimento do pioneirismo do jornalista e sociólogo estadunidense Robert Park, que desenvolveu um movimento inicial na consideração do jornalismo enquanto modo de conhecer o mundo. No artigo “A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do

conhecimento”, publicado em 1940, o autor expõe a distinção entre um “conhecimento de”, um tipo de saber comum adquirido ao longo da vida e que orienta os indivíduos no cotidiano, e um “conhecimento sobre”, um saber formal, racional e sistemático, como a das ciências. Na perspectiva do autor, o jornalismo estaria situado em um nível intermediário entre essas formas de conhecimento (Meditsch, 1997).

Para Machado (2005, p. 27), “Park acentua as diferenças entre ambos tomando como parâmetro o conhecimento científico e, ao final, deixa de caracterizar a especificidade do conhecimento jornalístico, ao considerá-lo similar ao conhecimento do senso comum”. Assim, Park conclui que a notícia cumpre para o público a mesma função da percepção para os indivíduos, ao informar e, principalmente, orientar. Sua concepção sobre o jornalismo como conhecimento tem forte influência do pragmatismo norte-americano de John Dewey, de quem foi aluno, e William James, com quem trabalhou, ainda que seja frequentemente associado à abordagem funcionalista<sup>1</sup>.

Genro Filho (1989) reconhece a contribuição pioneira de Robert Park, mas discorda sobre a equiparação do conhecimento jornalístico com a percepção individual, pois considera que a imediatez do real enquanto fenômeno é o ponto de partida na percepção individual, mas ponto de chegada no jornalismo, produto de um processo técnico e racional de reprodução simbólica. Desse modo, sustenta que não há uma correspondência entre a percepção individual e o jornalismo, mas uma simulação dessa correspondência produzida por intermediação técnica e racional, a partir da qual nasce um novo gênero de conhecimento. Nesse sentido, destaca que o jornalismo é uma das modalidades que participam do processo global de apreensão coletiva da realidade (Genro Filho, 1989).

Genro Filho (1989) constrói sua teoria do jornalismo a partir de uma abordagem marxista, que compreende a práxis como categoria fundamental. Na sua visão, a função da teoria é elucidar e direcionar a prática do jornalismo rumo a um sentido crítico e revolucionário. A indissociabilidade entre teoria e prática é um elemento fundamental de seu pensamento e ponto em comum com a produção intelectual de Paulo Freire, cujas influências intelectuais também incluem autores de inspiração marxista, ponto que retomaremos mais adiante.

O ponto central de sua perspectiva teórica é a compreensão do jornalismo enquanto forma social de conhecimento que, embora seja historicamente condicionada pelo desenvolvimento do capitalismo e pela ideologia da classe burguesa, possui potencialidades socializantes e humanizadoras. Assim, mesmo tendo surgido num contexto capitalista, o jornalismo torna-se indispensável para a relação entre o indivíduo e o gênero humano (Genro

Filho, 1989). O autor apropria-se de categorias de larga tradição na filosofia ocidental – singular, particular e universal – para sustentar que o jornalismo é uma forma de conhecimento cuja essência se encontra no seu modo de apreender a realidade pela via da singularidade, reconstituindo o fenômeno do modo como foi percebido. Desse modo, estabelece a especificidade do conhecimento jornalístico, que se materializa no *lead* dos formatos informativos, diferenciando-o do conhecimento das artes (cuja categoria central é o particular) e das ciências (que busca o universal).

Meditsch (1997) sustenta-se sobre a contribuição de Genro Filho para defender que o jornalismo é uma forma de conhecimento que revela aspectos da realidade que outras formas não são capazes de revelar, por centrar-se na singularidade dos fenômenos e operar no campo lógico do senso comum, o que assegura tanto sua fragilidade quanto sua força.

É frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação (Meditsch, 1997, p. 7).

Assim, postula que o jornalismo não é uma ciência malfeita, pois não é ciência, nem pode aspirar a ser, tendo em vista que busca o singular e não as leis gerais. Mas apreende aspectos que fogem ao método das ciências, ainda que não seja capaz de explicar a realidade que ele mesmo revela, pois possui limites lógicos e problemas estruturais, tais como a falta de transparência em relação a seus processos e a velocidade de produção (Meditsch, 1997). Outro aspecto ressaltado pelo autor é o fato de que o jornalismo não apenas produz uma forma própria de conhecimento, mas reproduz o conhecimento produzido por outras instituições sociais. Nesse sentido, sustenta que a “hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social” (Meditsch, 1997, p. 3). Isso implica o reconhecimento de que os jornalistas são produtores de um conhecimento de natureza específica e articuladores de conhecimentos proveniente de outras áreas, o que fazem a partir de saberes e procedimentos próprios.

## **Paulo Freire e jornalismo: sistematizações e apropriações**

Para além da Educação, o pensamento do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire exerce influência sobre diversas áreas do conhecimento, tais como a Linguística, Filosofia e

Teologia. Seu livro “A Pedagogia do Oprimido” (2014) figura entre os mais citados em trabalhos acadêmicos na área de humanidades no mundo (Green, 2016). Para além das métricas, “as publicações de Paulo Freire desafiam quase todas as regras atuais que definem quem é um pesquisador de impacto e ele muito provavelmente não seria admitido em um programa de pós-graduação brasileiro” (Fischman; Sales; Pretti, 2018). A originalidade de sua obra, no entanto, é mundialmente reconhecida e reside no fato de estar calcada em ideais de liberdade, democracia e igualdade, a partir de uma postura crítica ao sistema educacional. No currículo das escolas de comunicação e jornalismo, a inserção de suas obras tem sido escassa, como recupera Meditsch (2008) que atribui o fato à dicotomia entre teoria e prática na área acadêmica.

Ainda que o educador jamais tenha se dedicado especificamente ao tema jornalismo e mídia em suas obras, Meditsch e Faraco (2003) sistematizaram as ideias do autor sobre o tema através da análise de suas obras e de entrevistas com pessoas do seu círculo de convivência. A partir desse resgate, concluíram que algumas de suas concepções – tais como diálogo, rigor, leitura do mundo e percepção crítica da realidade – podem ser aplicadas ao estudo do jornalismo<sup>ii</sup>.

A concepção de Paulo Freire sobre comunicação humana em sentido amplo, não em referência direta aos meios de comunicação, evidencia sua dimensão dialógica, em que há reciprocidade entre sujeitos interlocutores na busca da significação, aspecto central na pedagogia freireana. As entrevistas com pessoas de seu círculo de convivência familiar e profissional permitiram identificar que o educador “tinha uma postura crítica em relação à imprensa, de certa forma, análoga a seu pensamento sobre educação” (Meditsch; Faraco, 2003, p. 28), mantendo-se atento às questões ideológicas e de poder relacionadas aos meios de comunicação de massa.

Conforme apontam Meditsch e Faraco (2003), Freire também se mostrava crítico à noção de neutralidade na prática educativa, reflexão que pode ser transposta ao jornalismo, área em que esse debate também adquire relevo. Na concepção de Freire, recuperada pelos pesquisadores, a indignação diante das injustiças nos impede de ser imparciais sem ferir a ética (Freire, 2011a). Nas palavras do educador, os que se dizem neutros “estão comprometidos consigo mesmos, com seus interesses e com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, eles assumem a neutralidade impossível” (Freire, 2013, p. 14).

Vizeu (2014) sustenta-se sobre a produção intelectual de Paulo Freire para esboçar o conceito de conhecimento do desvelamento, que faz referência a uma forma de conhecimento

jornalístico que se pretende comum e acessível, mas é sempre aproximativa e inacabada. O autor parte de uma perspectiva construtivista, diversa, portanto, da abordagem marxista de Genro Filho (1989), compreendendo que “o jornalismo atua na construção da realidade, mas é constituído por essa própria realidade” (Vizeu, 2014, p. 864) em um processo reflexivo que pressupõe uma audiência ativa e interpretativa.

Na perspectiva de Freire sobre a prática educativa, recuperada por Vizeu (2014), estamos constantemente envolvidos pelo real, mas muitas vezes de forma acrítica, não necessariamente percebendo a razão de ser dos fatos. Nesse sentido, o pedagogo aponta para a necessidade de “ir mais além da mera captação da presença dos fatos, buscando assim, não só a interdependência que há entre eles, mas também o que há entre as parcialidades constitutivas da totalidade de cada um e, de outro lado, a necessidade de estabelecermos uma vigilância constante sobre nossa própria atividade pensante” (Freire, 2011a), em uma reflexão plenamente aplicável ao jornalismo. Ainda na concepção do pedagogo, o senso comum é superado a partir do momento em que a curiosidade ingênua se torna crítica. Assim, Vizeu (2014) desenha o esboço de um conceito de conhecimento do desvelamento, que seria característico do jornalismo:

A preocupação é deter a ideia de um conhecimento que se busca tornar mais comum e mais acessível, mas não se trata de um conhecimento acabado, sempre um conhecimento aproximado. O ato de conhecer nunca é pleno. Sempre trabalhamos com aproximações. É de certa forma, o que o ocorre no Jornalismo, procuramos nos aproximar dos fatos em busca da verdade do acontecimento. E isso só é possível com um método, com a investigação jornalística (Vizeu, 2014, p. 870).

Vizeu e Cerqueira (2019) apoiam-se sobre o pensamento de Paulo Freire para sustentar que há no jornalismo em geral (e no telejornalismo de forma potencializada) uma função pedagógica que se apresenta sob três dimensões: os saberes que os jornalistas aplicam no seu fazer; a linguagem, que se utiliza de signos e acervo de conhecimento compartilhável em um formato próprio; e os dispositivos didáticos, operações que visam facilitar o entendimento por parte da audiência. Na perspectiva dos autores, essas dimensões se complementam e estruturam a mensagem “de uma forma que ela possa ser acessível, com sinais de abertura para interpretação e compreensão” (Vizeu; Cerqueira, 2019, p. 3). Sobre esse aspecto, concorda-se com os autores em relação à pertinência do diálogo entre os saberes da prática jornalística e os saberes da prática pedagógica, tais como o rigor do método, a criticidade, a reflexão crítica sobre a prática e a ética, entre outras competências expostas por Freire na obra *Pedagogia da Autonomia*<sup>iii</sup> (2011b).

A necessidade, apontada pela pedagogia freireana, de ajudar os sujeitos a se tornarem críticos e autônomos, por meio da educação libertadora, leva-nos, ainda, a considerar os desafios contemporâneos no campo da comunicação que evidenciam a mesma demanda. Sem ter presenciado a modulação do debate público por meio de algoritmos (Silveira, 2019) e a difusão das chamadas *fake news* em escala industrial, o educador já alertava para a necessidade de praticar e ensinar a leitura crítica da realidade e dos meios.

O fenômeno contemporâneo da desordem informacional, definido por Wardle e Derakhshan (2017) como um conjunto de práticas comunicacionais que envolvem a produção, disseminação e consumo de informações falsas, enganosas ou manipuladas, impõe desafios à sociedade e suscita a reflexão acerca do papel a ser desempenhado pelos jornalistas no fomento à leitura crítica com vistas à emancipação e exercício esclarecido da cidadania. Nesse sentido, recorda-se a noção (profundamente influenciada pelo pensamento de Paulo Freire) de educomunicação, práxis social na interface entre a Educação e a Comunicação que objetiva fomentar a "dialogicidade, o protagonismo cidadão, a participação ativa, o exercício da cidadania, a transformação social humanizada, a leitura crítica do mundo e a produção coletiva em rede e criativa" (Soares; Pereira e Próspero, 2024). Os autores apontam para a gênese freireana que se encontra na base das ações educacionais, ao passo em que estas buscam não apenas ensinar o uso de recursos midiáticos, mas capacitar os sujeitos para refletir de forma crítica e coletiva sobre os meios e seu conteúdo. A educomunicação emerge, assim, como referencial capaz de reforçar o papel formativo e crítico do jornalismo, contribuindo para práticas comunicacionais mais participativas, inclusivas e comprometidas com a construção democrática do conhecimento em espaços diversos, para além da mídia.

## **Diálogos entre Paulo Freire e Adelmo Genro Filho**

Em entrevista concedida a Eduardo Meditsch em 1987, Freire mostrou-se receptivo à ideia de jornalismo enquanto forma social de conhecimento, como propôs Genro Filho no mesmo ano, e entendeu como válida a analogia entre o jornalismo e a educação enquanto “teoria do conhecimento posta em prática” (Meditsch; Faraco, 2003). Assim, concorda-se com Meditsch (2008) ao afirmar que a concepção freireana “fornece ferramentas tanto para uma compreensão mais exata da prática jornalística quanto para seu aprimoramento” (Meditsch, 2008, p. 9). Essa constatação nos motiva a investigar pontos de diálogo entre o pensamento de Paulo Freire e Genro Filho, sem a pretensão de esgotar as aproximações possíveis. Nesse sentido, um primeiro olhar permite identificar que os autores compartilham a defesa da indissociabilidade entre teoria e prática, as influências intelectuais marxistas e os ideais emancipatórios por meio de uma práxis transformadora.

A noção de práxis é um elemento central nas reflexões de ambos os autores. Pontes (2017, p. 170) explica que “a práxis é uma atividade de intervenção no mundo com sentido (teleologia, finalidade), produto e causa de um processo reflexivo sobre o fazer e o ser dessa atividade, bem como das mediações que ela estabelece com a complexidade social”. Pensar o jornalismo como uma práxis, como faz Genro Filho (1989), implica considerar o jornalista sujeito crítico, produtor de um conhecimento que não deve ser entendido nos moldes do positivismo, mas como dimensão simbólica da apropriação do indivíduo sobre a realidade. A concepção filosófica de Paulo Freire em torno da pedagogia também tem na práxis sua pedra angular. Na concepção do autor, a relação dialógica entre teoria e prática perpetua-se na práxis pedagógica, em sua “teoria do conhecimento posta em prática” (Freire, 2000). A centralidade da noção de práxis, em ambos os casos, inscreve-se no contexto das influências intelectuais marxistas, explícitas no subtítulo d’O Segredo da Pirâmide e frequentemente citadas por Freire, como recupera Meditsch (2008) que atribui sua vinculação a essa escola filosófica como uma das causas de sua ausência dos currículos das escolas de comunicação e jornalismo.

Os saberes preconizados pela pedagogia de Paulo Freire inscrevem-se no contexto de sua crítica à “educação bancária”, isto é, uma forma de educar que busca apenas “depositar” o conhecimento na mente dos educandos. Na perspectiva crítica e progressista defendida pelo autor, todos os saberes pedagógicos decorrem da compreensão de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2011b, p. 33). Nesse sentido, expõe que ensinar exige o reconhecimento de que somos seres inacabados e condicionados, mas não determinados. Assim, a partir dessa consciência, somos capazes nos inserir no mundo como sujeitos da história, não apenas como objetos desta. Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (Freire, 2011b, p. 37).

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *história*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar* (Freire, 2011b, p. 51-52, grifos do autor).

A necessidade de refletir criticamente sobre a prática, um dos saberes preconizados pela pedagogia de Paulo Freire, é precisamente o impulso que leva Genro Filho (1989) a teorizar sobre o jornalismo. Na perspectiva de Freire (2011b, p. 27), a prática docente crítica “envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Para aperfeiçoar a prática, portanto, é preciso refletir criticamente sobre ela. Nesse sentido, reconhece a importância da teoria para a reflexão crítica, mas afirma que o discurso teórico deve ser tão concreto de modo a confundir-se com a prática.

Muitas vezes, tenho refletido sobre o seguinte aspecto: nossa experiência na universidade tende a nos formar à distância da realidade. Os conceitos que estudamos na universidade podem trabalhar no sentido de nos separar da realidade concreta à qual, supostamente, se referem. Os próprios conceitos que usamos em nossa formação intelectual e em nosso trabalho estão fora da realidade, muito distantes da sociedade concreta. Em última análise, tornamo-nos excelentes especialistas, num jogo intelectual muito interessante — o jogo dos conceitos! É um “balé de conceitos” (Freire; Shor, 2013, p. 130).

As proposições de Genro Filho (1989) caminham na mesma direção, ao afirmar que há uma defasagem entre a prática jornalística e as teorizações em torno dela, o que culmina na oposição entre teóricos e práticos, considerada absurda pelo autor. Nesse sentido, seus esforços para a construção de uma teoria do jornalismo voltam-se para a elucidação da prática e seu direcionamento em um sentido crítico e revolucionário.

A perspectiva crítica de Genro Filho (1996) em relação à objetividade e imparcialidade jornalística e sua percepção de que toda forma de conhecimento pressupõe um posicionamento do sujeito diante do objeto, que implica um posicionamento ético e político diante da realidade, dialogam com a rejeição de Freire (2013) em relação a uma suposta neutralidade na prática educativa. Na visão do educador, a afirmação de uma neutralidade impossível indica um compromisso com interesses individuais ou com os interesses de grupos específicos. Sua concepção filosófica pressupõe que o compromisso do profissional com a sociedade exige engajamento com a realidade, o que também nos parece pertinente para a reflexão sobre a atividade do jornalista que, para apreender os fenômenos a partir da singularidade e reconstituí-los, precisa “molhar-se” da realidade.

Este compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavrório, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que

necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros (Freire, 2013, p. 14).

Considerando a perspectiva filosófica da qual partem Freire e Genro Filho, conclui-se tal engajamento com a realidade move-se pelo propósito de transformação daquilo que é naquilo que deve ser, considerando jornalistas, público, educadores e educandos como sujeitos ativos dessa transformação. No entanto, a mera constatação de que outro jornalismo (para outro mundo) é possível não nos parece suficiente, de modo que é necessário voltar nossas teorizações, como fez Genro Filho, para a elucidação e condução da prática.

## **Considerações finais**

No presente artigo, buscamos desenvolver um diálogo entre a prática jornalística, produtora e socializadora de uma forma específica de conhecimento, e a prática pedagógica, conforme entendida pelo educador e filósofo Paulo Freire. Tal esforço permitiu identificar pontos de aproximação entre essas duas perspectivas a partir de abordagens diversas, sem a pretensão, no entanto, de esgotar os diálogos possíveis.

Não se pretende, com isso, lançar um olhar teórico sobre o jornalismo a partir da ótica de outras disciplinas científicas, mas agregar saberes que nos parecem intimamente relacionados aos ideais emancipatórios de uma prática jornalística que não se restrinja a interesses mercadológicos e de um pensamento acadêmico que supere a dicotomia entre teoria e prática. Sobre esse aspecto, julgamos relevante ressaltar a necessidade de ampliar a reflexão, também, a partir das abordagens propostas por Meditsch (2003) que sugere a aplicação do pensamento freireano para a compreensão dos aspectos cognitivos da prática jornalística, e Vizeu e Cerqueira (2019), que propõem a aproximação entre os saberes da pedagogia e o trabalho dos profissionais de telejornalismo.

Para além das perspectivas filosóficas que os unem, Adelmo Genro Filho e Paulo Freire compartilham o fato de que enxergaram potencialidades de desalienação em cenários profundamente marcados pelas possibilidades de dominação de classe, o que nos motiva a voltar os olhos para o potencial socializante e humanizador da prática jornalística, ainda que em cenários desafiadores.

## Referências

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. *Natureza e Transformação do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2016.

FISHMAN, Gustavo; SALLES, Sandra Regina; PRETTI, Esther do Lago. Para além das métricas simplistas na pesquisa educativa: as lições da contínua relevância e impacto freireano. *EccoS*. São Paulo, n. 47, set./dez., 2018, p. 23-40. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/10752>. Acesso em: 08 set. 2021.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança social*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011b.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Educando com a mídia: novos diálogos sobre educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GENRO FILHO, Adelmo. O jornalismo já tem sua teoria. *Revista da Fenaj*, ano 1, n. 1, maio 1996, p. 1-14.

\_\_\_\_\_. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1989.

GREEN, Elliot. What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)? London School of Economics and Political Science, 2016. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/>. Acesso em 10 set. 2021.

MACHADO, Elias. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis, vol. 2, n. 1, 2005, p. 23-34. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2086/1826>. Acesso em 14 set. 2021.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, vol. 26, n. 1, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1031>. Acesso em 05 set. 2021.

MEDITSCH, Eduardo. A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo. *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 27, mai./ago. 2003, p. 15-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37488>. Acesso em 15 set. 2021.

\_\_\_\_\_. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? Conferência proferida nos cursos da Arrábida, Universidade de Verão, 1997. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC). Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em 30 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Paulo Freire e o estudo da mídia: uma matriz abortada. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-paulo-freire-estudo-midia.pdf>. Acesso em 07 set. 2021.

PONTES, Felipe Simão. Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo: 30 anos de O Segredo da Pirâmide. *Brazilian Journalism Research*, vol. 13, n. 1, jan/abr 2017, p. 164-181.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira; MARQUES PEREIRA, Michele; PRÓSPERO, Daniele. Educomunicação: caminhos de transformação nas práticas e políticas sociais. *SER Social*, Brasília, v. 27, n. 56, p. 186-206, dez. 2024. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/55517](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/55517). Acesso em: 8 jun. 2025.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. 65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica. *Revista Famecos*. Porto Alegre, vol. 23, n. 3, set./dez, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22638>. Acesso em 07 set. 2021.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. Os saberes da pedagogia no telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística. *Revista Famecos*. Porto Alegre, vol. 26, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/31212>. Acesso em 13 set. 2021.

VIZEU, Alfredo. Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento. *Revista Famecos*. Porto Alegre, vol. 2, n. 3, 2014, p. 860-877. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/17810>. Acesso em 07 set. 2021.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 40, dez. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em 30 ago. 2021.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information Disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. [S. l]: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em 8 jun. 2025.

---

<sup>1</sup> Machado (2005) considera um erro associar Robert Park ao funcionalismo, como faz Genro Filho (1989). Na perspectiva do autor, os estudos conduzidos por Park se distinguem dos estudos dos sociólogos funcionalistas, que eram voltados para fenômenos pontuais e individualizados. Assim, sustenta que a inscrição teórica mais adequada a Park é ao lado dos pragmatistas, cujos métodos eram capazes de formular conceitos atemporais.

---

<sup>ii</sup> O esforço de Meditsch e Faraco (2003) em sintetizar as ideias de Paulo Freire sobre o jornalismo motivou Sérgio Guimarães a incluir um novo capítulo à terceira edição do livro *Sobre Educação*, volume 2, cujo título passou a ser “Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação” (2013). O capítulo reúne os diálogos de Mariana Faraco com Sérgio Guimarães durante seu trabalho de pesquisa, em 2002.

<sup>iii</sup> A obra reúne um conjunto de 27 saberes preconizados pela pedagogia de Freire (2011b). A exposição de todas essas competências extrapola os objetivos deste artigo, em que priorizamos os aspectos que mais se aplicam à discussão sobre o jornalismo como forma de conhecimento.